

ENTRE A HISTÓRIA E A FANTASIA

TITO E BERENICE

A vida de Berenice em Roma, nove anos de idílio sem intermitências, fôra um rio de águas remansosas, a deslizar sob ramagens opulentas e rosas de todo o ano. Pois tornara-se de súbito cachoeira bravia, em turbilhões e redemoinhos, ameaçando arrastar a dolorosa para a loucura ou para a morte.

Tito amara-a com a cegueira e o devotamento do fanatismo. Ela, a duas vezes divorciada, ela, a mulher em Jerusalém tida e havida por inacessível ao sentimento afectivo, encerrada na torre de menagem de altivo e indómito egoísmo, correspondera-lhe, no princípio com as deferências do agradecimento, a seguir com os impulsos da ternura, por fim com os arrebatamentos da paixão. Paixão a dois, quinhoadada na mesma medida, abrazada pelo mesmo fogo: — duas almas conjugadas numa só ansiedade, dois corações pulsando no mesmo ritmo. Fôra assim até há dez, há doze dias, através de nove anos sem espinho e sem núvem. De súbito, morre Vespasiano, Imperador. Tito, que muito sofrera com a morte de seu pai, delibera legitimar pelos esponsais a união consagrada pelo amor: — a favorita tornada espôsa, espôsa e Imperatriz. E em dez, em doze dias, como no mais imprevisível dos terramotos, tudo rola no sorvedoiro, tudo de escantilhão, sonhos e realidades.

Não lhe dói, não lhe torna negro o dia e o sono impossível, a certeza de que já não será a Imperatriz de Roma. Amara em Tito o que êle tinha de humano. Amara no homem o que êle tinha de bom: — aquela bondade que o levava a dizer, nos dias em que nada fazia a benefício do semelhante, que perdera o seu dia. Amá-lo-ia, por isso, com a mesma intensidade, se em vez de consul, agora Imperador, fôsse modesto centurião das cohortes, escriba humilde do *Forum*. Doi-lhe, fere-a profundamente, mais do que no seu sentimento de amorosa, no seu orgulho de mulher,

o havê-la repudiado, depois de anunciados os esponsais por patrícios e plebeus, em obediência aos pérfidos terrores sugeridos por Paulino, seu confidente e conselheiro.

Paulino, à morte de Vespasiano, na dúvida sôbre a futura posição da favorita junto do novo César, excedera todos os áulicos nas homenagens à eleita do soberano: — a sua aura de tal sorte prospera, mais por obra dos inimigos do que dos amigos, que por vezes se cuidara já Imperatriz. Na sombra, porém, o pérfido inimigo, senhoriara-se do ânimo do príncipe, turbado pelo desgosto da perda sofrida. Enchera-lhe a alma de pavores. Crivara-lhe a consciência de escrúpulos.

Ela sabe tudo. Soube logo, de início, o que lhe disse o coração em alarme, o maior dos videntes. Sabe o que o próprio Imperador lhe dissera, horas antes, nesta mesma sala, ao anunciar-lhe a quebra do seu pacto e o retôrno dela a Jerusalém. Sabia, por Fenícia, a sua serva fiel, o que se passara na conferência entre os dois, Tito e Paulino, conferência da véspera à noite.

— Berenice é uma mulher encantadora, — debitera a perfídia do confidente, certo da reacção brusca se atentasse contra o idolo então ainda no altar. — Cheia de virtudes. Bela de corpo e nobre de coração. Parece uma romana. Mas é estrangeira. E Roma não reconhece a legitimidade de filho nascido de estrangeira e romano. Mas é Rainha. E Roma não tolera no trono sangue real estranho ao Lácio.

Citara-lhe o exemplo de Júlio César. Amara Cleópatra até à loucura. Era pai dum filho da diva incomparável de beleza e sabedoria. E não ousara desposá-la, — por ser estrangeira e Rainha. Apontara-lhe o caso de Marco Antônio. Nutrira pela mesma mulher, pela mesma deidade, paixão que o levava a morrer por ela. Morreria por ela, — e, embora sôto de escrúpulos, embora viuvo ao tempo do desvario, não se permitira afrontar a lei de Roma tornando-a meeira do seu pôsto no triunvirato.

Tito ouvira-o em silêncio. Tito afirmara-lhe, concluída a exortação ao dever, que daria também a vida, sem custo, pela querida Berenice. Que lhe queria agora cem vezes mais do que nunca. Cedera, porém às instâncias do conselheiro. E isso mesmo o Imperador lhe comunicara, nessa manhã, ali mesmo, fingendo-se derrotado pela fatalidade, notificando-a de que ia confiar ao seu amigo e hóspede, Antioco, Rei da Comagena, a missão de a acompanhar a Jerusalém.

— Sim! Irei com Antioco! Mas não para Jerusalém. Para onde nós dois, de livre vontade, deliberarmos! — decide, a deci-

são irrompendo do seio da amorosa como de moita de flores, silvo serpentino de cascavel.

Decide-o, erguendo-se do triclinio, onde se conservara, após a aflitiva entrevista com Tito, a dobar a meada da sua vida. Decide-o, endireitando o busto e a fronte, na convicção de que encontrara desafronta certa contra o vil repúdio.

Em Palácio vive, na verdade, como hóspede de Tito, como seu amigo, seu companheiro de armas, Antioco, Rei da Comagena, reino da Síria na era de Vespasiano convertido em província romana. Antioco encontra-se em Roma, mostrando-se amigo de Tito, precisamente desde a incorporação do seu reino no Império, quasi desde que Berenice transitou de Jerusalém para Roma. A amizade de Antioco pelo opressor do seu reino, agora seu senhor, inúmeras vezes intrigara Berenice — mistério desvendado dias antes, dois ou três dias volvidos sobre os funerais do Imperador. Ele entrara na sua câmara. Ele apresentara-lhe as suas despedidas. Ia partir para a Síria. Porque? Disse-ra-lho. Requerera-lhe permissão para lho dizer — visto que nunca mais a veria. Amava-a, desde que a vira, desquitada do segundo marido, no Palácio de seu irmão Agripa, em Jerusalém. A dôr maior da sua vida, sentira-a no dia em que a soube transportada por Tito, vencedor de Jerusalém, para a cidade de Roma. A sua Pátria caíra, escravizada ao mesmo poder invencível. Ele sobreposera a revolta do escravo, à paixão do amoroso. Apresentara-se ao vencedor, servindo-o como amigo. Servira-o como amigo, depois de se bater com as legiões como herói. Tudo no designio de poder respirar o ar que ela respirava. Afrontara, ao lado d'ele, os perigos das batalhas — no afã de que uma lança levasse o companheiro, deixando-lhe liberta a filha de Jerusalém, ou o levasse a ele, libertando-o da tormenta em que se debatia. Esperara, até à morte de Vespasiano, que uma dessas portas se abrisse, conferindo-lhe a libertação final. Mas Tito, Imperador, ia fazê-la Imperatriz. Diante desta resolução inesperada, tôdas as esperanças ruíram. Por isso retirava de Roma para sempre, na despedida confessando-lhe o seu amor.

— Não! — sibila, os olhos fulgurante de cólera, a cabeça no levante do gládio em desafio. — Antioco nem sairá de Roma como desiludido, nem me acompanhará como legado do Imperador. Sairá... comigo, eu com ele, unidos e felizes, para onde nos aprouver!

Estabelecido o rumo a seguir, como se arreasse dos ombros o pêso duma montanha, abeira-se da janela rasgada para o exterior. Olha o panorama empolgante da cidade das sete colinas

— o Tibre ao fundo, a arrolar a sua ilha diletta, para lá do rio o Monte Coelio, a menor entre as sete irmãs, e Monte Aventino, êste coroado pelas mármores votivas do templo de Diana e do templo da Liberdade. Momentos antes nem a luz podia suportar. Agora, fortalecida pela certeza da vingança, deleita-se mergulhando a vista no mar de luz — de que emergem, resplandecentes, cúpulas e terraços do tôpo e flancos das colinas. Não vê nada, é certo. Olha e não vê—todo o poder visual concentrado nas perspectivas do seu drama íntimo. O que vê, embora as pupilas errem da cúpula do Capitólio para os pavilhões de Salustio, é Tito, general, não imperador, no dia da tomada de Jerusalém. Vê-o nos Paços do Rei Agripa, seu irmão, aureolado pelo triunfo, no lance de ditar a lei à cidade em ruínas — à cidade heróica e mártir que vergara ao pêso das legiões, flagelada, mutilada, destrôçada na luta mais espantosa de ferocidade. Sente estuar no peito o ódio que a revolvía ao fitá-lo, à sua entrada na sala do trono — menos possessivo do que o que lhe escaldava as veias neste momento.

Não o fulminara, ao fitá-lo, por não estar no gôzo dêsse poder secreto. E sente no ouvido o eco abominável das suas palavras, que lhe pareciam envoltas nos últimos estalidos das chamas do templo de Salomão, a maior das maravilhas do Mundo sacrificada à ambição de Roma, nos derradeiros ais dos sacerdotes e soldados que em sua defesa gloriosamente se irmanaram na luta e na morte.

No entanto, ele falara aos vencidos sem arrogância, sem soberbia. Mais arrogante falara a Agripa, em Cesareia, junto dela, Berenice, o núncio do Nazareno, Paulo de Tarso, quando levado à presença do Rei da Judeia acusado de violar a lei de Moisés. E porque o seu trato se exhibia complacente, e porque desde logo entrara a perdoar a êste, a galardoar aquele em mercê de Berenice, conseguira transformar o ódio em gratidão, por fim a gratidão em ternura, a ternura em amor. Nos dias de estonteamento e de vertigem em que se deixara conduzir a Roma, não como vencida, como vencedora, igual ao conquistador no quinhão recebido durante o cortejo triunfal, através das vias de Roma, não o amava ainda. Ele sim, amava-a veementemente. Cumulava-a de cuidados. Piedoso, no desejo de lhe atenuar a dôr da Pátria distante, levava-a às vilas dos subúrbios, a Nápoles, a Herculano, a Pompeia, quasi às cristas do Vesúvio. E fôra no retôrno duma dessas viagens de núpcias, subjugada pelos seus disvelos de eterno noivo, que surpreendera o ódio do primeiro encontro transfigurado no amor de tôda a vida.

Sacode-se. Contraí as maxilas. Cerra os olhos — os olhos negros, ao sacudir-se fuzilando coriscos. Amor de tôda a vida, não! O ódio estrangulava o amor. Só o ódio impera agora no seu coração. E tanto, que se sentia apta a lançar-lhe em rosto, na próxima entrevista de despedida e de entrega a Antioco:

— Acompanhar-me a Jerusalém, não! Ele irá comigo, eu com ele, para onde o desejo nos conduzir. Porque nos amamos... desde os dias longínquos da minha Pátria. Porque o amo... como nunca amei!

Esquece-se, no antegôzo da desafronta, no cálculo do desepêro de Tito sob o merecido castigo, do espanto de Antioco ao ouvir-lhe a inesperada declaração — os olhos vagueando da colina ao rio, do rio às vias, ostentosas de templos, palácios e jardins, que se enredam no pendor das colinas.

Estremece, ao murmúrio da voz conhecida a pedir a vênica dos bons costumes. Flávio Tito, nobre no porte, na fisionomia os signos da bondade e da retidão, entra na quadra. Ela volta-se para ele — alteando a cabeça, tornando-se Rainha, mais Rainha do que no trono do Herodes seu primeiro marido, ou do que no do segundo, o faustoso Polomão. Talhe esbelto de mulher nascida para reinar, na cabeça fulgura-lhe o diadema negro que ele tantas vezes beijara como sagrado pelos deuses; nas órbitas luzem-lhe os olhos negros a que o amoroso inúmeras vezes chamara jóias mais belas do seu tesouro.

Ele dirige-lhe a palavra. Pálido, nervoso, declina, quási soluça:

— Tudo está preparado para a vossa partida. Acreditai-me. É com o coração despedaçado pela dôr, que de vós me despeço. E espero, senhora, que, ao contrário do que vos ouvi, há pouco, nesta sala, ainda hei-de ouvir-vos confessar que sempre vos amei.

— Adeus! — remata, sêca, hirta, inexpugnável.

— Ao menos... dizei-me uma palavra de perdão. Só uma palavra — suplica, o Imperador de Roma de rojos diante da cativa de Jerusalém.

Como se acudisse ao seu desejo, em obediência às ordens de César, Antioco entra na sala a fim de receber o supremo cargo, de servir de guarda e áulico a Berenice no longo trânsito por terra e mar.

Berenice, o peplum de purpura a ondular sôbre o seio, olha de frente, pronta a pronunciar-se, o homem que vai ser o instrumento de desagravo no seu pleito com o prejurado — o que lhe jurara amá-la para todo o sempre, relegando-a aos presumíveis murmúrios de Roma, sua pupila. Olha-o de frente — ele enfeiti-

gado pelos olhos de magia. Olha a seguir o Imperador, no olhar o relâmpago da ira.

Os olhos do soberano vê-os afogados em lágrimas. E logo, instantâneamente, como que fulminada, um nó na garganta, ela tomba para o lado.

— O que tendes? Acalmai, senhora — implora Tito, amparando-a, Antioco, no alvoroço do soberano, a querer prestar-lhe ajuda.

Ela acorda do desmaio instantâneo. Ela vê-se nos braços que durante anos a embalaram. Ela fita nos olhos lacrimosos do dorido os seus olhos lacrimosos. E geme, e soluça:

— Perdoai-me! Já não duvido do vosso amor de sempre! Amais-me... e deixais-me partir. Amo-vos... e aparto-me do vosso affecto, Que isto sirva de aviso a quantos se amam como nós, e como nós não podem amar-se... Adeus...

E são três, não dois, os soluços que plangem na sala ao afastamento de Berenice.

SOUSA COSTA